

A FORMAÇÃO DO FEMININO DO SUBSTANTIVO: DIVERSOS OLHARES

Ivani Muller Reichert (Autora)
Prof. Leandro Zanetti Lara¹ (Orientador)

Resumo: Neste estudo, analisamos a categoria gênero quanto ao estatuto morfológico, destacando, inicialmente, a formação do feminino, cotejando os conhecimentos trazidos sob o olhar dos gramáticos e dos linguistas. Em seguida, propusemos exercícios segundo a proposta de Mattoso Câmara (2009), mostrando que existem formas diferentes de se trabalhar o gênero do substantivo das apresentadas em nossos livros didáticos.

Palavras-chave: gênero feminino; flexão; derivação.

Introdução

Este estudo visa a analisar a categoria gênero na categoria substantivo quanto ao estatuto morfológico. Tradicionalmente interpretada como flexão, estudos linguísticos demonstram que tal categoria morfológica tem uma descrição mais exata quando entendida como processo derivacional.

O presente artigo aborda a questão da formação do feminino do substantivo em português, que será analisado de um ponto de vista teórico e de um ponto de vista prático. Ele é de interesse de quem queira saber um pouco mais sobre a Língua Portuguesa, bem como sobre as teorias apresentadas nas gramáticas e a sua aplicabilidade funcional.

As interrogações que se impõem são diversas. As regras expostas nas gramáticas são coerentes e aplicáveis? São adequadas a quais situações? São regras de utilização claras ou são confusas, dúbias, com muitas exceções, fundamentadas nos clássicos da nossa literatura, distantes da língua em uso - essa que se modifica com o passar do tempo, e evolui com o ser humano, se desdobrando em inúmeras situações -, não se parecem com normatizações descontextualizadas não compreendidas nem utilizadas?

Em relação aos pressupostos teóricos assumidos, faremos uma revisão da literatura da Gramática Tradicional, apresentada por gramáticos de grande relevo no cenário nacional da Língua Portuguesa como Almeida (2009), Bechara (2001), Cegalla (1998),

¹ Professor da 4ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Said Ali (1964) e Rocha Lima (1969). À visão tradicional, acrescentaremos abordagens teóricas dos estudos linguísticos de Mattoso Câmara (2009) e Monteiro (2002).

O objetivo deste artigo é duplo: primeiro, delinear o conceito de gênero, a partir do cotejo entre os conhecimentos legados pelos gramáticos e as teorias linguísticas. Segundo, propor uma atividade didática que vise a desenvolver, de forma mais acurada e ágil, a capacidade de os alunos serem hábeis no uso da língua no que concerne aos conceitos morfológicos em geral, a partir do entendimento sobre o conceito de gênero em específico.

Em suas atividades, a maioria dos professores, normalmente, tomam os livros didáticos como base das aulas. Estes apresentam somente a concepção restrita da gramática como uma norma erigida por gramáticos. Por essa razão faz-se necessário que o professor assumira um olhar diferenciado e crítico em relação a qualquer conteúdo trabalhado em sala de aula a fim de que possa contribuir para uma aprendizagem mais coerente de tão diferentes aspectos da nossa gramática. Assim, evocamos o aspecto pragmático, ou do uso de determinadas categorias morfológicas em situações de texto específicas. Como exemplo, neste artigo, focalizamos especificamente o substantivo.

Além do ponto de vista teórico, reiteramos a preocupação com a aplicação prática do conhecimento; por isso, a parte final deste artigo é dedicada ao estudo de uma proposta de didatização do tema em foco. Uma vez arroladas e analisadas as descrições do que vem a ser gênero neste contexto e de posse dos dados da análise, partiremos para a elaboração das atividades didáticas a seguir explicitadas.

Tendo como texto de apoio a fábula *O melhor amigo do homem*, faremos uma atividade com base nas três regras apresentadas por Mattoso Câmara (2009) para a descrição do gênero nominal, em contraponto às, aproximadamente, catorze regras que as gramáticas tradicionais apresentam. Além disso, como a tendência geral dos livros é considerar gênero tão somente como flexão, nosso intuito é fornecer uma exemplificação de construção de exercícios que levem em conta, de forma mais aprofundada, o seu caráter de processo derivacional.

1. A Descrição de Gênero no âmbito da Gramática Tradicional

Para se ter uma ideia mais abrangente sobre a formação do feminino, mostraremos a classificação de Said Ali (1964). Dos gramáticos analisados, este autor é o que recobre de forma mais abrangente os tópicos morfológicos relativos à categoria em estudo.

Vejamos a descrição do gênero do substantivo segundo Said Ali (1964, pp.33- 37):

Quadro I

<p>Gênero dos substantivos é a distinção que em português fazemos entre masculino e feminino.</p>	
<p>Masculino é todo o nome a que se pode antepor o artigo <i>o</i>, ajuntar qualificativos terminados em - <i>o</i>, e é substituível pela palavra <i>eles</i>: O <i>pano</i> é liso. Ele me agrada.</p>	<p>Feminino é o nome a que se antepõe o artigo <i>a</i>, ou a que se ajuntam qualificativos terminados em - <i>a</i>, e pode ser substituído pelo vocábulo <i>ela</i>: A <i>parede</i> é grossa. Ela não cairá.</p>
<p><i>Formação do feminino</i></p>	
<p>Os nomes de pessoas e de animais em que se costuma distinguir sexo tomam naturalmente o gênero de acordo com o sexo a que se referem. Para certos casos o termo denotador do ente macho difere muito daquele que designa o ente fêmea: homem – mulher</p> <p>Nos seguintes vocábulos, o feminino, posto que na aparência muito diferente do masculino, procede todavia do mesmo radical: rei - rainha</p> <p>Sendo muito poucos os casos em que, para diferenciar os seres machos e fêmeas, se recorre a vocábulos totalmente diversos, faz-se em geral a distinção alterando a terminação do vocábulo de acordo com as seguintes regras:</p>	
<p>1ª Substantivos terminados em -O são masculinos. Forma-se o feminino, mudando a dita terminação em -A.</p>	<p>filho - filha</p>
<p>2ª Nome terminado em - Ô muda no feminino esta vogal em Ó:</p>	<p>avô- avó</p>
<p>3ª Nomes terminados em -ÃO formam o feminino de três maneiras: mudando a terminação em -Ã / OA / ONA</p>	<p>irmão – irmã leitão – leitoa valentão /valentona</p>
<p>4ª Nomes em EU mudam geralmente a terminação em EIA.</p>	<p>Alguns, entretanto, formam o feminino irregularmente: europeu – europeia / judeu-judia</p>
<p>5ª Certos nomes de títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -ISSA, -ISA, -ESSA, -ESA:</p>	<p>sacerdote, sacerdotisa, barão, baronesa, abade, abadessa</p>
<p>6ª Os nomes em - E, não compreendidos entre os que acabamos de mencionar, têm em geral a mesma forma para um e outro gênero.</p>	<p>- cliente, herege, protestante, amante Com a terminação -A usam-se apenas: <i>freira</i>, feminino do antigo termo <i>freire</i> (ou <i>frade</i>), e os femininos: parenta, mestra, monja, hóspeda</p>

7ª Tomam a terminação -INA os nomes seguintes:	herói, heroína, czar, czarina
8ª Substantivos terminados em: - OR formam na maior parte o feminino com acréscimo de -A : - EIRA em vez de -ORA . - OR e que mudam a terminação TRIZ	- cantor, professor, cantora, professora. - carpideira, arrumadeira - ator, atriz; imperador, imperatriz
9ª Existem nomes em -A que se usam para denotar varões, sendo portanto do gênero masculino.	monarca, diplomata, o agiota, o pirata

Agora, para uma análise mais detalhada da formação do feminino, vamos comparar as regras abordadas por Said Ali (1964) com as de outros gramáticos. Observaremos, no quadro a seguir, se os critérios são os mesmos para os seguintes autores:

Quadro II

Terminações (regras gerais)	Critério para uma tipologia do gênero – formação do feminino	Said Ali (1964)	Rocha Lima (1969)	Almeida (2009)	Cegalla (1998)	Bechara (2001)	Frequência em %
1- o átomo	Mudança para a	sim	sim	sim	sim	sim	100%
2 - consoante	Acréscimo de a	sim	sim	sim	sim	sim	100%
3.	Morfemas lexicais de radicais diferentes	sim	sim	sim	sim	sim	100%
4. Nomes em -ão	Mudança para ---oa -ã, -ona	sim	sim	sim	não	sim	80%
5. Títulos de nobreza e dignidade	Terminações- issa, -isa, -essa, -esa	sim	sim	sim	não	sim	80%
6. Nomes em -or	Mudança para -eira	sim	não	não	não	sim	40%
7. Nomes em -or	Mudança para triz	sim	não	não	não	sim	40%
8. Nomes em -e	Mudança para -a	sim	não	não	não	sim	40%
9. Nomes em -eu	Mudança para -eia	sim	sim	não	não	sim	60%
10.	Apenas mudança no artigo	sim	sim	não	não	sim	60%
11.	Sentido diverso – (semântico)	não	sim	sim	não	sim	60%

12. Nomes em -ô	Mudança para -ó	sim	não	não	não	não	20%
13.	Duplo gênero (o cabeça/a cabeça)	sim	sim	não	sim	sim	80%
Nota		12/13	9/13	6/13	4/13	12/13	

Portanto, podemos sintetizar os tópicos dos gramáticos em treze itens: 1- mudança do o para a; 2- acréscimo de a; 3- morfemas lexicais de radicais diferentes; 4- mudança do ão para oa/ ã/ ona; 5- terminações -issa/-isa/ -essa/-esa; 6- mudança do or para -eira; 7- Mudança do or para triz; 8- mudança do e para -a; 9- Mudança do -eu para -eia; 10- mudança só no artigo; 11- sentido diverso (semântico); 12- nomes em -ô muda para -ó; 13- duplo gênero.

- Bechara (2001) não contemplou a regra 12. (ô - ó) em relação à descrição do Said Ali, porém ele acrescentou um detalhe semântico (jarro/jarra). Ele também afirma que inexistente o processo flexional na distinção entre os gêneros do substantivo. Segundo o estudioso, em *lobo-lobo* tem-se uma derivação, desde que as formas do masculino e do feminino expressam significações diferentes, porque são palavras diferentes.
- Rocha Lima (1969) ainda que recubra boa parte dos tópicos, não contempla os números 6, 7, 8 e 12.
- Almeida (2009) limita-se a seis desses tópicos, que são os seguintes: 1, 2, 3, 4, 5 e 11.
- Cegalla (1998), por fim, é o que apresenta uma lista mais sucinta, deixando de lado a maioria dos tópicos dos demais gramáticos. Escolhe analisar apenas os números 1, 2, 3 e 13.

2. Do conceito de Gênero: uma Abordagem Linguística

Tendo demonstrado a contribuição dos cinco gramáticos analisados para os estudos gramaticais sobre a formação do feminino no estudo de gêneros do substantivo, sintetizados no quadro comparativo acima, cotejamos esses dados com a análise a que procederam os seguintes linguistas: Mattoso Câmara (2009) e José Lemos de Monteiro (2002).

Mattoso Câmara (2009) julga que a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português. Em primeiro lugar, por uma incompreensão semântica do substantivo, já que se confundem o gênero do substantivo com o sexo dos seres. Em segundo lugar, por não ser feita a distinção entre flexão de gênero e outros processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo. Além disso, o autor esclarece que a flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes e apresenta uma maneira de ensinar o gênero aos alunos a partir da anteposição do artigo aos substantivos.

Mattoso Câmara (2009) afirma que essas alomorfias se resolvem pelo dicionário, em cujos verbetes basta haver uma entrada para a forma teórica, em vez de se averbar simplesmente a forma de masculino.

Da mesma forma, assevera que cabe ao dicionário informar sobre a heteronímia no gênero, que não é mais do que a restrição a um gênero único de determinado membro de um par semanticamente opositivo. Homem é registrado como masculino, com uma remissão à mulher, por sua vez, registrada como feminino.

José Lemos de Monteiro (2002) diz que em relação aos nomes (substantivos, adjetivos) e pronomes, há no máximo quatro desinências: gênero (masculino / feminino) e número (singular / plural). Assim, uma palavra só apresenta a marca do masculino se tiver um feminino correspondente. Não há plural sem singular e vice-versa.

Segundo Monteiro (2002), há dois tipos de oposição na estrutura da língua: a privativa (ou contraditória) e a equipolente (ou polar). Oposição privativa é aquela em que uma determinada marca se opõe à ausência de marca numa forma correspondente. Em *bonito* # *bonitos*, há oposição privativa porque o [s] se opõe ao vazio (Ø) do singular. Oposição equipolente é a que ocorre entre formas que apresentam marcas distintas sem que nenhuma delas esteja ausente. Em *viverei* # *viveremos*, o [mos] se opõe ao [i] equipolentemente, uma vez que ambas as desinências estão presentes.

Os masculinos *saco*, *ele*, *doutor*, *ateu* e *espanhol* estão marcados pela desinência zero (Ø) que se opõe ao morfe [a] dos femininos *saca*, *ela*, *doutora*, *ateia* e *espanhola*. Há uma oposição entre dois morfemas. Um está presente e o outro está ausente ([a] # Ø), portanto há uma oposição privativa.

Os vocábulos *livro*, *sacrário* e *cinzeiro* não possuem marca de masculino, porque faltam os femininos **livra*, **sacrária* e **cinzeira*. Assim como em *máquina*, *caneta*, *criatura* e *sacola*, o [a] o [a] final não constitui desinência de gênero, mas vogal temática.

Em relação a formas como *cavalo*, *pasta*, *casa* e *carteira*, também não se fala em desinência *de gênero*, embora haja as formas *cavala*, *pasto*, *caso* e *carteiro*. Falta a correspondência semântica, fundamental na caracterização do gênero.

O [a] final dos substantivos comuns de dois gêneros não deve ser considerado desinência de feminino, já que no masculino ele também está presente. Trata-se de um [a] temático que elimina a desinência [a] pelo fenômeno da crase. Assim: → O paradigma flexional dos nomes portugueses é sempre estabelecido por oposições desinenciais. O feminino se caracteriza por um [a] que contrasta com a ausência de desinência do masculino. O plural é marcado por um [s], que não aparece no singular. A marca da flexão é sempre uma desinência.

Lemos (2002) afirma que o feminino se enquadra em uma regra única: adjunção da desinência [a] com a supressão da vogal temática, se esta estiver presente no masculino:

autor + a = autora

juiz + a = juíza

o + a = oa → a

justo + a = justoa → justa

jarro + a = jarroa → jarra

Lemos (2002) diz que algumas situações parecem formar novas regras, mas constituem simples casos de alomorfa:

- a) Ocorrência do morfe alternativo /ô/ - /ó/, em vez da desinência de feminino.

Ex: avô → avó.

- b) Além de uma alternância vocálica redundante, inserção de um iode para evitar o hiato, após o acréscimo da desinência e elisão da vogal temática.

Ex.: ateu + a = ateua → atea → ateia.

- c) Aplicação do morfema subtrativo que, ao contrário do aditivo, consiste na supressão de parte do corpo fônico da palavra.

Ex.: réu → ré.

- d) Alternância vocálica /ê/ # /é/ ou /ô/ # /ó/, de caráter redundante, além da desinência de feminino.

Ex.: este + a = estea → esta; sogro + a = sogroa → sogra.

Alguns casos um pouco mais complexos:

- Nomes em –ão – Se o nome terminado concretamente em [ão] no singular possui a forma teórica em [õe] (tirada do plural), há pelo menos duas possibilidades para a formação do feminino:

Desnasalização após a queda da vogal temática.

Ex.: leitão → leitõe +a = leitõea → leitoa → leitoa.

- a) Desenvolvimento de uma consoante nasal /n/ antes do acréscimo da desinência, quando [ão] for um sufixo aumentativo. Ex.: valentão → *valentõe → valentõ → valenton + a.

- Se o nome terminado em [ão] no singular não faz o plural em [ões], a formação do feminino pode ser interpretada de duas maneiras:

- a) Após a adjunção da desinência, queda da vogal temática e conseqüente elisão do [a] desinencial. Ex.: anão + a = anãoa → anãa → anã.

- b) Simples supressão da vogal temática, sendo o feminino marcado por um morfema subtrativo. Ex.: órfão → órfã; irmão → irmã.

- Nomes com alomorfes na raiz - considera-se que na forma feminina, além da desinência [a], existe um sufixo derivacional. O valor semântico desse sufixo se esvaziou completamente, razão por que não o segmenta. Ex.: [rainh], [abadess] e [diaconis] são respectivamente alomorfes de [re], [abad] e [diacon]. Assim como cônsul – consulesa; herói – heroína; maestro – maestrina. Não se verificando a marca derivacional, é evidente que o [a] indicará o feminino, classificando-se, pois, como desinência.

A alomorfia no radical funciona como um traço redundante na distinção dos gêneros, uma vez que de fato a flexão se opera pela desinência. Em *frade- freira; judeu – judia; meu – minha* encontra-se a marca flexional do feminino, embora as raízes estejam em variação mórfica.

Este autor ainda fala de gênero heteronímico.

Há substantivos que não têm femininos correspondentes em termos morfológicos. *Mulher* não é feminino de *homem*; é apenas uma palavra privativamente feminina que supre a falta da flexão de homem. Na heteronímia não há flexão de gênero. Também remete aos nomes de gênero único, os quais se exemplificam por substantivos como

vítima, *tribo* e *sentinela*, que se enquadram na subcategoria do feminino, uma vez que os determinantes que os acompanham terão que estar no feminino. Assim, em *aquela vítima*, o substantivo é reconhecido como feminino mediante um critério puramente sintático. A maioria dos temas em [e] deixa de apresentar flexões de gênero, como em *ponte*, *dente*. Os que apresentam seguem a regra geral: parente + a = parentea → parenta.

Outro aspecto é o de que só há dois gêneros. O substantivo epiceno *onça* é privativamente feminino, ao passo que o sobrecomum *cadáver* é masculino.

Lemos (2002) ainda divide os nomes portugueses em três grupos:

a) Nomes de gênero único.

Ex.: (a) tribo, (a) flor; (o) cadáver, (a) vítima.

b) nomes de dois gêneros não marcados pela flexão.

Ex.:(o,a) estudante, (o,a) cliente; (o,a) dentista.

c) nomes de dois gêneros marcados por flexão.

Ex.: (o) leão – (a) leoa; (o) filho – (a) filha.

Por seu turno, Monteiro (2002) critica os gramáticos que associam gênero a sexo. O autor apresenta situações que comprovam que o gênero é uma categoria gramatical e que o sexo é um conceito biológico. Também discorda de Bechara (1999) o qual defende a ideia de que, na formação do feminino, ocorre um processo derivacional e não flexional.

Cotejando os quadros relativos aos gramáticos, percebemos que as definições e regras, muitas vezes não recobrem todas as situações comunicativas que envolvem o dia a dia de uma sala de aula.

Isso já se corrobora na seguinte definição: “Os nomes de pessoas e de animais em que se costuma distinguir sexo tomam naturalmente o gênero de acordo com o sexo a que se referem. (Said Ali, 1964). E os substantivos epicenos fazem parte da mesma regra, sabendo-se que eles só possuem um gênero? Conforme Mattoso Câmara (2009), para os substantivos epicenos, não cabe uma distinção de gênero expressa pelas palavras macho e fêmea, porque *cobra* continua sendo feminino do gênero feminino, mesmo que se diga *cobra macho*. Ela continua sendo *a cobra macho*.

Vistas essas observações, dos treze itens apresentados, Cegalla (1998) só contempla quatro, e Almeida (2009), seis. Portanto, podemos dizer que até mesmo entre os próprios gramáticos não há uma uniformidade e clareza quanto às regras explanadas, constatação que torna o trabalho do professor, principalmente aquele que segue fielmente o livro

didático, mais difícil, já que não terá a segurança e o conhecimento necessários para ensinar seus alunos. Há gramáticos que não procuram explicar detalhadamente como se forma o feminino, simplesmente apresentam uma lista interminável de palavras (108) e o seguinte enunciado: “Observemos como se formam os femininos da relação seguinte” (Cegalla, 1998) e nada mais explica ou justifica.

Inferimos, a partir da análise dos quadros I e II, que todos os gramáticos citados são unânimes quanto à formação do feminino somente nos seguintes casos:

- a) o feminino se realiza mediante a mudança de *o* átono final para *a* ou pelo acréscimo de *a*;
- b) o feminino se realiza utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente.

Poder-se-ia, portanto, agrupar as demais regras no item b):

- a) os substantivos terminados em *-ão* mudam para *-ã/-ao/-ona*;
- b) os substantivos terminados em *-eu* mudam para *-eia*;
- c) os substantivos terminados em *-or* mudam para *-eira*;
- d) os substantivos terminados em *-e* mudam para *-a*;
- e) os substantivos que designam títulos de nobreza e dignidade mudam para *-esa / -isa/-essa/-issa*.

Ainda há regras contempladas por uns e não por outros estudiosos da gramática, além dos substantivos que não se enquadram nos casos por eles explanados. Um exemplo é a mudança do *-ô* para *-ó* somente aparece em Said Ali (1964). Os demais gramáticos não citam nem mencionam que não se enquadra nos casos precedentes.

Colocar em prática todas essas regras parece bem mais complicado do que ler a singela descrição feita por Said Ali (1964) do gênero feminino: “*Feminino é o nome a que se antepõe o artigo a, ou a que se ajuntam qualificativos terminados em - a, e pode ser substituído pelo vocábulo ela.*” Parece bem simples. Só que, se observarmos a descrição do feminino feita por ele, percebemos que explica nove regras, excetuando-se as subdivisões e as exceções. Dessa forma, fica bem difícil termos clareza sobre os fenômenos descritos em nossa língua.

Pode-se dizer que a própria definição de substantivo não contempla concomitantemente os três critérios que devem ser observados para a caracterização adequada de uma classe gramatical. Esses são o critério funcional, o mórfico e o semântico. Geralmente, as gramáticas só apontam um dos critérios, normalmente o semântico. Sabemos que a definição de substantivo deve obedecer a um critério funcional (funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado); um critério

mórfico (aceita mudança de número, grau e gênero e é variável); e um critério semântico (nomeia os seres animados ou inanimados reais ou imaginários).

O mesmo acontece com a definição de gênero do substantivo. As definições variam de autor para autor. Tanto divergem, que chegam a confundir gênero com sexo, como podemos ver a seguir:

“Quanto ao gênero, um substantivo pode ser: masculino, feminino, epiceno, comum de dois gêneros, sobrecomum. Gênero gramatical é a indicação do sexo real ou suposto dos seres.” Almeida (2009)

Essa é uma das críticas essenciais feitas pelos linguistas aos gramáticos: confundir gênero com sexo. Monteiro (2002) afirma que o gênero é uma categoria gramatical e o sexo é um conceito biológico. O autor confessa estranhar este tipo de conceito formulado por gramáticos, já que o gênero, normalmente, não é flexão e sim derivação.

Napoleão Mendes de Almeida (2009) fala em flexão genérica, quando, na verdade, somente alguns substantivos flexionam-se em masculino e feminino. Outros não apresentam uma das formas, tornando-os diferentes em relação às regras. “Uma palavra só apresenta a marca do masculino se tiver um feminino correspondente.” (Monteiro: 2002).

Analisando os preceitos dos gramáticos e as reflexões teóricas de Mattoso Câmara, percebemos algumas diferenças por ele apresentadas na formação do feminino e que diferem da gramática tradicional. Ele mostra que nos nomes ocorre a flexão de gênero e outros processos lexicais ou sintáticos. Explica que a formação do gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes e demonstra isso, como pudemos observar no quadro apresentado. O autor também faz uma análise mais detalhada de cada item, falando em vogal temática, em sufixo derivacional, em desinência, ou melhor, ele apresenta o processo de formação de cada regra.

Mattoso Câmara (2009) diz que a flexão de gênero é, em princípio, um traço redundante nos nomes substantivos portugueses. Muitos substantivos sequer a têm. Continua o linguista afirmando que os substantivos temáticos ou atemáticos possuem seu gênero determinado pelo adjetivo, que concorda sempre com o substantivo que determina, ou pelo artigo, que se pode antepor ao nome.

Além disso, Mattoso (2009) diz que, na flexão de gênero, não há lugar para os substantivos que variam em gênero por heteronímia. Enquanto as gramáticas estão repletas de exceções, ele não apresenta nenhuma. Ainda sugere como se pode ensinar o gênero nominal com somente três regras, antepondo-se o artigo ao substantivo.

Monteiro (2002), com base em Mattoso (2009), apresenta uma análise semelhante à do renomado linguista, no entanto, um pouco mais simplificada. Até apresenta a mesma sugestão de uso do artigo anteposto ao substantivo para definir o gênero, já exposta por Mattoso (2009). Assinala que os morfemas flexionais não formam novas palavras, mas constituem simples casos de alomorfia, indicando apenas as flexões que assumem como a desinência de gênero *-a*.

Lemos Monteiro (2002) acrescentou às regras de Mattoso (2009) o item de alomorfia na raiz e nomes de gênero único. Assim como Mattoso Não se trata somente de escolher o livro didático a partir da visualização de atividades variadas, mas de valorizar estas que, envolventes, despertem o interesse do aluno, mas possibilitem desenvolver as habilidades e competências necessárias para que este seja um ser humano crítico, harmonizado com a sociedade, capaz de fazer inferências, de escolher com consciência os projetos pessoais e sociais que se desdobram cotidianamente nas nossas esferas de atividade e de defender os seus direitos mediante uma linguagem clara, precisa, contextual.

Após analisados, cotejados todos os dados sobre a formação do gênero nominal, certamente a visão sobre o tema se transformou; nosso olhar já mudou de rumo e de foco, fato fundamental para a prática docente.

3. Análise Crítica

É primordial que o professor, na sua prática diária, saiba analisar e estabelecer um olhar crítico tanto sobre o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, quanto à metodologia e aos recursos usados. O livro ou os livros didáticos devem ser bem escolhidos, por meio de uma análise detalhada antes da adoção. Isso evita que o professor coloque o discente em contato com conceitos e regras confusas, as quais prejudicam o uso da língua na sua expressão oral e escrita. De igual maneira, isso evita a total alienação dos alunos por incompreensão, ou a formulação de perguntas cujas respostas não são fáceis ou logicamente encontradas nem explicadas.

Muitas vezes, os conceitos são errôneos e o próprio aluno percebe que algo está errado ou malformulado e questiona o professor por isso. Por esse motivo, é necessário que o professor sempre saiba o que e por que está ensinando algo aos seus “discípulos”. É também crucial que o professor tenha clara, qual a utilidade de tal aprendizagem e se está adequada ou não ao contexto.

Somente o professor que tiver conhecimento sobre determinado assunto ou conteúdo pode se posicionar criticamente, aceitando ou não determinado livro didático oferecido pela escola. Não se trata somente de escolher o livro didático a partir da visualização de atividades variadas, mas de valorizar estas que, envolventes, despertem o interesse do aluno, possibilitem desenvolver as habilidades e competências necessárias para que este seja um ser humano crítico, harmonizado com a sociedade, capaz de fazer inferências, de escolher com consciência os projetos pessoais e sociais que se desdobram cotidianamente nas nossas esferas de atividade e de defender os seus direitos mediante uma linguagem clara, precisa, contextual.

As gramáticas são importantíssimas para o estudo e o ensino da nossa língua. A língua viva, do uso, não a idealizada, no entanto, nem sempre é essa que encontramos quando abrimos as gramáticas e os livros didáticos.

Após analisadas as regras apresentadas pelos cinco gramáticos no que concerne à formação do feminino do português, percebemos que, realmente, nem todas as regras são claras e coerentes. Como foi analisado, há inconsistências em vários conceitos, principalmente no que tange à questão de mudança do gênero do substantivo. Além de serem confusos, mudam conforme o autor. Talvez seja esse um dos motivos de sentirmos e termos tanta dificuldade para falarmos com propriedade, por exemplo, sobre a formação do feminino na Língua Portuguesa, embora ele já seja estudado desde o século V a.C.

A indefinição, as dúvidas e as contradições são muitas quanto ao processo de formação do substantivo: se é flexão ou derivação; e essas dúvidas persistem. Mas existe o consenso de que todos os substantivos da língua portuguesa pertencem ou ao feminino ou ao masculino, independente de admitirem flexão de gênero.

Os linguistas Mattoso Câmara (2009) e Lemos Monteiro (2002) trazem muitos esclarecimentos, contrastando com algumas ideias dos gramáticos tradicionais, mas nos levando a pensar, analisar e avaliar cada item apresentado, para que nossa prática seja mais útil e eficiente. Até os linguistas não foram unânimes e consistentes em todos os pontos.

Assim, ratificamos que a pesquisa existe para que, cada vez mais, tenhamos mais certezas e menos dúvidas, ou, pelo menos, perguntas com explicações mais simples e lógicas que assegurem o uso de nossa língua com mais segurança e clareza. Depois deste estudo, em se tratando da formação do feminino dos substantivos, tais explicitações já se incorporaram ao fazer didático e podem garantir aulas mais ágeis e interessantes.

4. Implicações Didáticas

Com base no que observamos no que se refere à descrição conceitual da formação de feminino / gênero gramatical, propomos nessa seção uma tarefa dupla. De um lado, faremos uma análise crítica de um exemplo de atividade didática presente em materiais utilizados em escola como suporte às aulas de gramática. De outro lado, proporemos atividades didáticas que busquem abarcar os conceitos discutidos aqui na seção introdutória e que ultrapassem, de alguma forma, os tradicionais e modelares exercícios da literatura didática.

4.1 Exercício de Livro Didático: uma Crítica

Supomos, para a análise do exercício a seguir, que a teoria que concerne ao gênero do substantivo já tenha sido trabalhada. Percebemos que, normalmente os exercícios oferecidos pelos livros didáticos são desprovidos de uma intenção, de objetivo, de finalidade, tornando a atividade um mero exercício como este apresentado por Cegalla (1998, p. 139), em sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. Analisemos esta proposta de exercício:

Determine o gênero dos substantivos seguintes antepondo-lhes os artigos *o* ou *a*:

o agapê	o grama (peso)
a fleuma	o axioma
a cal	o guaraná
o champanha	o fel
a derme	a coral (cobra)
o dó	o clã
o eclipse	o tapa
a dinamite	o espécime
a fênix	o telefonema
a filoxeira	a trama
a foto	a ubá (canoa)
o herpes	o primata

Segundo Cegalla (1998), os substantivos acima citados são de gênero incerto e flutuante, sendo usados pelos escritores, com a mesma significação, ora como masculinos, ora como femininos. Nesse exercício, por essa razão, é essencial que inicialmente se identifiquem e se classifiquem os substantivos quanto ao processo por meio do qual surgiram – flexão ou derivação.

Os morfemas derivacionais – prefixos e sufixos – são responsáveis pela formação de novas palavras; os morfemas flexionais não formam palavras novas, apenas indicam as flexões que as palavras assumem. Enquanto isso, a flexão é sistemática e regular, exige a concordância e revela não-opcionalidade. Não percebemos essas características nestes substantivos. O que temos são palavras de mesmo significado, com gênero determinado pelo artigo, tanto que Cegalla (1998) afirma: “Consignamos aqui alguns deles com o gênero que nos parece preferível.” Portanto, são substantivos que pertencem ao processo de derivação, pois não há regularidade, há concordância dentro de uma frase e opcionalidade.

Da forma como o exercício é apresentado, pouco acrescenta aos conhecimentos do aluno, pois perguntamos: que habilidades linguístico-expressivas vai adquirir antepondo o artigo aos substantivos? Seria mais proveitoso se o aluno, inicialmente, analisasse o substantivo quanto ao estatuto morfológico, estabelecesse um paralelo entre flexão e derivação, procurasse o significado de cada vocábulo e trocasse informações sobre essas descobertas com os colegas, para que realmente soubesse o que está fazendo e pudesse compreender a direção que tal estatuto possibilita. Sabemos que o adolescente, se não sentir uma utilidade nas atividades que faz, acaba não se sentindo motivado e não executa as tarefas. Portanto, deveríamos estudar e pesquisar muito antes de propor qualquer atividade aos alunos.

4.2 Proposta de uma Atividade Didática

Com base no que observamos nas seções teóricas, formulamos uma atividade a partir da descrição do gênero nominal elaborada por Mattoso Câmara (2009), tendo por base a forma masculina ou feminina do artigo, que os substantivos implicitamente exigem. Neste exercício, também presumimos que a parte teórica já esteja internalizada.

As questões 01, 02 e 03 referem-se ao texto a seguir:

O Melhor Amigo do Homem

Dizia um que o melhor amigo do homem é o boi, manso e passivo, trabalhador incansável, sem queixas nem reivindicações desde que nasceram os tempos. Outro, ortodoxo, afirmava que é o cão. “O cão é o melhor amigo do homem porque ladra para protegê-lo, vela por seu sono, estima-o na riqueza e na miséria, indiferentemente, ama-o moço ou velho, segue-o pela vida e para a morte.” Mas o terceiro cavalheiro presente, interrompendo o segundo com indelicadeza, explicou que, (...) de seus longos estudos e compridas vigílias, tirara a conclusão, rigorosamente científica, de que o melhor amigo do homem é o jacaré macho. E explicou: “Como todos sabem, pois está em qualquer livro de ginecologista “jacaroa”, as fêmeas dos jacarés põem 100.000 ovos de cada vez. Pois, meus amigos, humanitário e humanista, pensando, é evidente, na sobrevivência da espécie do homem, o jacaré macho, sem o menor alarde, silencioso e discreto, chega e come 99.999 ovos (é conhecido fato biológico), deixando apenas um para a reprodução da espécie. Conclusão: Se não fosse o jacaré macho, nós, homens, estaríamos enterrados até aqui em jacarés.”

Millôr Fernandes. Revista IstoÉ, nº1.119. 6/3/1991

1. Leia o texto a seguir e responda às questões sugeridas:

1.1 Quais são as palavras do texto que *só aceitam um gênero*? Transcreva-as.

as queixas; as reivindicações; os tempos; a miséria; o sono; a delicadeza; as vigílias; os estudos; a conclusão; os ovos; o jacaré; o livro; as fêmeas; a sobrevivência; a espécie; o alarde; a reprodução;

1.2 Copie do texto nomes de dois gêneros sem flexão.

(o, a) ginecologista;

1.3 Liste os nomes de dois gêneros, com uma flexão redundante.

o amigo; o trabalhador; o moço; o velho.

1.4 Quais são as palavras que são nomes e não pertencem a nenhum dos grupos dos três grupos citados?

o homem; o boi; a riqueza; a vida; a morte; o cavalheiro; o cão.

1.5 Por que eles não se enquadraram nesses grupos? O que eles têm de diferente?

São substantivos que possuem o feminino completamente diferente do masculino.

1.6 Indique o feminino dessas palavras(item 1.4):

a mulher; a vaca; a pobreza; a morte; a vida; a dama; a cadela.

1.7 A partir dessas constatações, formule um conceito para a formação do feminino do substantivo:

O feminino com base no artigo se forma mediante gênero único ou dois gêneros sem flexão ou dois gêneros com uma flexão redundante.

1.8 Por que Millôr fala em jacarua, em jacaré macho e em jacaré fêmea? Explique.

O autor da fábula fala isso porque jacaré é um substantivo epiceno (designa um animal e tem um só gênero, quer se refira ao macho ou à fêmea) e, quando se quer precisar o sexo, usam-se as palavras macho ou fêmea. Assim, jacarua é, pelo uso, o feminino de jacaré.

1.9 Por qual motivo, segundo o texto lido, o jacaré macho é o melhor amigo do homem?

O motivo se expressa no fato de que ele come 99% dos ovos postos pelo jacaré fêmea. Do contrário, teríamos uma superpopulação de jacarés.

2.0 Quais são as características dos animais citados na fábula?

Boi - manso e passivo, trabalhador incansável; cachorro- ladra... jacaré macho - silencioso, discreto...

2. Complete o quadro de acordo com o modelo:

Palavra	masculino	feminino	Desinência -a no final	Derivação sufixal	Outras palavras
amigo	O amigo	A amiga	sim	-----	-----
homem	O homem	-----	-----	-----	mulher
boi	O boi	-----	-----	-----	vaca
trabalhador	O trabalhador	A trabalhadora	-----	sim	-----
queixas	-----	As queixas	-----	-----	-----
Reivindicações	-----	As reivindicações	-----	-----	-----
tempos	O tempo	-----	-----	-----	-----
cão	O cão	-----	-----	-----	cadela
homem	O homem	-----	-----	-----	mulher
sono	O sono	-----	-----	-----	-----
riqueza	-----	-----	-----	-----	pobreza
Ginecologista	O ginecologista	A ginecologista	-----	-----	-----
velho	O velho	A velha	sim	-----	-----

- a) O que pode ser observado a partir do quadro:
- Todas as palavras são masculinas?
 - Todas são femininas?
 - Quantas têm desinência em *-a*?
 - Quantas palavras têm derivação sufixal?
 - Por que “outras palavras”?
 - O que se pode concluir a partir do quadro?

3. Responda:

- a) Qual é o referente do “um” / outro? Ele é anafórico ou catafórico?

O referente é cavalheiro, e ele é catafórico.

- b) É normal o texto começar dessa forma? Justifique.

Não, normalmente o texto começa pelo referente e depois se agregam as características a ele.

- c) Por que este texto começou dessa forma?

Começou assim porque o alvo das atenções é o cão e não o cavalheiro. O cavalheiro tem menos importância no texto.

- d) Qual é a relação de sentido expressa pelo advérbio indiferentemente e rigorosamente no texto? É o mesmo nas duas situações?

O advérbio indiferentemente expressa uma circunstância de modo e rigorosamente também. Só que o rigorosamente modifica o adjetivo.

- e) Nós, homens, estaríamos enterrados até aqui em jacarés. Explique o *aqui*.

O aqui refere-se ao pescoço ou até à cabeça, pois podemos recuperar esses dados pelo contexto, já que “estariamos enterrados até aqui”.

- f) Qual é o referente do *aqui*? A que classe gramatical pertencia? Que circunstância exprime?

O referente do aqui é exofórico e é um advérbio de lugar.

Propusemos essa atividade com o objetivo de mostrar que é possível ensinar o gênero feminino de uma forma mais simples e clara, utilizando apenas três regras, ao passo que os gramáticos apresentam aproximadamente treze, e com muitas exceções. Essa é apenas uma proposta entre tantas outras que poderiam ser desenvolvidas. Procuramos partir de um texto do gênero textual fábula e, além disso, também focalizamos a função do

substantivo no processo da referenciação, a função do advérbio, as formas nominais e adverbiais que funcionam como dêiticos textuais e situacionais. De acordo com Antunes (2007), há uma estreita relação entre o gênero textual e a gramática. Portanto, não podemos trabalhar a gramática dissociada do texto e há necessidade de cada gênero ser estudado, entre outros aspectos, segundo determinados usos gramaticais possíveis de uma dada língua.

Conclusão

Neste trabalho, procuramos pesquisar a formação do gênero feminino do substantivo em língua portuguesa e, para procedermos a tal análise, valemo-nos dos estudos dos gramáticos Almeida (2009), Bechara (2001), Cegalla (1998), Said Ali (1964) e Rocha Lima (1969), bem como da contribuição dos linguistas Mattoso Câmara (2009) e Monteiro (2002).

Na sequência à exposição dos pressupostos teóricos, tecemos uma análise crítica acerca dos conceitos discutidos. Com o resultado das discussões, passamos às considerações de ordem didática, analisando um exemplo de atividade de ensino e propondo exercícios acerca do tema referido. A atividade didática desenvolvida baseou-se, sobretudo, no estudo de Mattoso (2009, p. 92). Ele propõe ensinar o gênero feminino a partir de três regras, fundamentadas na base masculina ou feminina do artigo.

Nosso objetivo foi tentar estabelecer uma síntese dos conceitos de gênero, lançando mão das abordagens dos cinco gramáticos e dois teóricos da nossa língua. Das treze regras apresentadas por Said Ali (1964), somente duas eram unânimes entre os vários gramáticos. Isso indica que não existe, na abordagem tradicional, uma homogeneidade na concepção de como se dá a formação do feminino. Há um acirrado debate quanto ao gênero ser um processo flexional ou derivacional. À tradição gramatical legou-se a interpretação de que a categoria gênero é puramente flexional, enquanto os teóricos asseguram que são de ordem derivacional muitos dos processos tidos pelos gramáticos como flexionais.

Nossa pesquisa respeitou os limites de um artigo e não pretendemos aqui ser exaustivos. Procuramos indicar caminhos de pesquisa em vez de propor análises definitivas. A pesquisa linguística em relação à aplicação didática carece ainda de estudos, e o presente trabalho constituiu uma proposta de investigação na inter-relação destas duas disciplinas, que, ainda, mostra-se como um campo fértil para pesquisa.

Referências bibliográficas

ALI, M. Said. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metodológica da Língua Portuguesa*. 46. ed. – São Paulo: Saraiva, 2009.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BEHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição Revista e Ampliada, Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2001

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 42. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 41. ed. – São Paulo: Nacional, 1998.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 14. ed. – Lapa, Rio de Janeiro: Americana, 1969.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.